

NOTA DO TRADUTOR: UM LUGAR PARA A ANÁLISE DO PROCESSO TRADUTÓRIO E DA FUNÇÃO TRADUTOR

Solange Mittmann
FURG

Pretendo aqui apresentar um resumo de uma parte de minha Tese (Mittmann, 1999), onde defino o processo tradutório como um processo discursivo, isto é, um processo de relações de sentido e de produção de discurso. A seguir, passo à reflexão sobre as Notas de Tradutores (N.T.), que considero um discurso de extensão sobre o discurso da tradução. Da análise da função tradutor, tanto na relação entre tradutor e autor, como na intervenção do interdiscurso, observo que o processo tradutório se caracteriza pelo jogo entre a aliança e o confronto, entre a multiplicidade e a construção da ilusão de unidade.

Ao afirmar que o processo tradutório é um processo discursivo, quero dizer que é um processo de produção de um novo discurso, em novas condições de produção, com uma materialidade lingüística e histórica específica. Não se trata do ato individual do tradutor, mas de um processo de relações de sentidos entre discursos: o discurso original, o discurso da tradução e os outros discursos que os atravessam. Entre estes outros discursos, poderia citar o discurso dos dicionários, dos especialistas de área, além daquele discurso não-localizável, como o “é assim que se diz”.

Produção de discurso significa produção de efeitos de sentido entre os participantes (Pêcheux, 1993). Esta definição de discurso nos faz ir de encontro à concepção tradicional de tradução como transporte de uma mensagem, pensada pelo autor do original.

Assim como o autor produz sentidos, ao produzir o texto original, a partir de uma determinação ideológica, também seus leitores produzirão sentidos durante a leitura, também sob determinações ideológicas. Igualmente, o tradutor produzirá sentidos durante a leitura do original e durante a produção do texto da tradução.

A produção de sentidos não se dá de forma consciente, como cada um “pretende”, mas é determinada pelas condições sócio-históricas em que os sujeitos se encontram. E essas condições sócio-históricas afetam cada sujeito de maneira particular. (Orlandi, 1996) Por isso, há sempre possibilidade de que o sentido produzido por um sujeito leitor seja diferente daquele produzido pelo autor. Em outras palavras, há sempre possibilidades de outros sentidos.

Os sentidos são determinados pelo interdiscurso, isto é, pelos outros discursos alheios, lá-fora, mas presentes, em contado. O interdiscurso traz o efeito de já-dito, determina o dizer. (Pêcheux, 1995) E a tradução, bem como o original, são abertos ao interdiscurso e às possibilidades de dizer, de interpretar, de deslizamentos de sentidos que ele oferece. Por isso, sempre outros sentidos podem ser produzidos para um mesmo texto.

Alheio a todo esse processo de determinação do sentido, o tradutor tem a ilusão de que está reproduzindo conscientemente “o” sentido que supõe estar no original, a chamada mensagem do autor, ou mensagem do original.

Os leitores da tradução, por sua vez, ao lerem o texto traduzido, têm a ilusão de que estão resgatando as informações do autor do original, de forma transparente, por vezes ignorando o processo de produção do discurso da tradução e a voz do tradutor. Esta ilusão é reiterada pela visão tradicional sobre tradução, assim como a ilusão de que o discurso da tradução é, ou deveria ser, homogêneo, neutro, sem a interferência da voz do tradutor.

O discurso da tradução é constitutivamente heterogêneo, não só porque ali falam o tradutor, o autor (enquanto posições sujeito), mas também pelo fato de o discurso ser atravessado pelas outras vozes vindas do interdiscurso.

Tomando a noção de função autor de Foucault (1992 e 1996), como a função que organiza a multiplicidade de vozes presentes no discurso, e de Orlandi (1996), como uma função que direciona uma interpretação, posso afirmar que no discurso da tradução há uma função tradutor, que além de organizar essa multiplicidade de vozes (autor, tradutor, interdiscurso) e de direcionar uma interpretação, ocultando outros sentidos possíveis, também tenta mostrar os heterogêneo como homogêneo, tenta

conter a multiplicidade, a dispersão, o espraiamento, criando a ilusão da univocidade, da unicidade, da responsabilidade de uma voz por um sentido único e, por fim, criando a ilusão de que quem fala no texto da tradução é o autor do original, ou seja, tenta mostrar uma identificação total com o original.

Na tese, tomo como objeto de reflexão o processo tradutório, como objeto de análise, o discurso do tradutor e como unidade de análise as Notas de Tradutores. Considero que as N.T. são produzidas durante o mesmo processo tradutório, junto com o texto da tradução, não como o mesmo discurso, nem como um discurso à parte, mas como um discurso de extensão.

As N.T. têm sido, ao longo da história dos estudos sobre a tradução, rechaçadas exatamente porque quebram a ilusão para o leitor de que este está lendo o original. Pelo mesmo motivo, seu uso tem sido condenado e elas são tomadas somente como último recurso para esclarecimento de algum sentido que não pôde ser adequadamente ser “transmitido” no texto da tradução. Mas elas também já têm sido consideradas, numa perspectiva mais moderna, como um lugar privilegiado para o estudo da presença do tradutor, sua interpretação e as determinações que sofre, ou ainda, como o lugar que mostra o caminho percorrido pelo tradutor durante o processo tradutório.

Em Análise do Discurso, não conheço estudos aprofundados sobre a N.T., mas as notas de rodapé em geral já têm sido objeto de estudo, por exemplo, por Zoppi Fontana, (1991 e 1998), que as considera como um discurso paralelo ao texto de referência e observa que são utilizadas, sob a ilusão do esclarecimento do sentido, com o objetivo de controlar o discurso, pois ali intervêm discursos de campos discursivos estabilizados, como o científico, o jurídico, etc.

Como o processo tradutório tem suas particularidades como processo de produção de discurso, considero a N.T., não como um discurso paralelo, mas como um discurso extensivo ao discurso do texto da tradução: não é o mesmo discurso, mas é produzido durante o mesmo processo tradutório, nem é outro discurso, paralelo ao primeiro, mas outros discursos ali intervêm, através do funcionamento do interdiscurso. E considero a N.T. como um lugar privilegiado para a análise da produção do discurso da tradução e para a análise das relações de sentido entre discursos durante o processo tradutório.

Interessam-me, neste artigo, duas questões que envolvem a produção desse discurso: como se dá a relação entre tradutor e autor, e como intervêm o interdiscurso. Considero que a relação tradutor-autor pode ser tanto de aliança, como de embate. Há um distanciamento entre as duas vozes na N.T., que leva à ilusão de que quem fala no texto tradução é o autor e quem fala no texto da N.T. é o tradutor. Este distanciamento, que é produzido pela função tradutor, vem reiterar a ilusão da voz do tradutor no texto da tradução.

Além de tomar por base o texto original, o tradutor recorre ao interdiscurso para dar sustentação ao “seu” dizer. E a intervenção do interdiscurso pode se dar através de discursos localizáveis (como as citações de especialistas, por exemplo) ou não localizáveis (quando o interdiscurso intervém como aquela voz que afirma que “é assim que se diz”). Podem intervir discursos provenientes de um campo discursivo estabilizador (como o científico) ou não (como um anúncio de jornal).

Esta heterogeneidade de vozes (tradutor, autor, discursos localizáveis e não localizáveis) é organizada pela função tradutor, que cria a ilusão de unidade, ou seja, de que quem fala no discurso do texto da tradução é o autor do original.

Para concluir, produção de discurso – seja do discurso da tradução, seja do discurso original – é sempre possibilidade. Quer dizer, a realização de um discurso é a realização de uma das possibilidades de dizer oferecidas pelo interdiscurso e pelas condições de produção. Por isso, proponho não pensarmos a tradução no espaço fechado da reprodução de um modelo, mas no espaço aberto da possibilidade, da ousadia, do contato com o interdiscurso.

As discussões sobre a tradução devem, portanto, envolver não a frustração pelo inatingível, não apenas a crítica ou o elogio, mas a reflexão sobre as determinações históricas que regem o processo tradutório.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: _____. *O que é um autor?* Trad. José A.B. de Miranda e António Cascais. 3.ed. Sl./Portugal: Vega, 1992. p.29-87.

_____. *A ordem do discurso*. 3.ed. Trad. de Laura F. de A.Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

MITTMANN, Solange. *O processo tradutório: uma reflexão à luz da Análise do Discurso*. PPG-Letras UFRGS. Porto Alegre, 1999. Tese.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. [et al.] 2.ed. Campinas: Unicamp, 1995.

ZOPPI FONTANA, Mônica Graciela. Os sentidos marginais. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, ano X, n.18, p.48-58, dez.1991.

_____. Limites do silêncio: a leitura intervalar. In: ORLANDI, Eni P. (org.) *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes: 1998. p.59-85.